

RESENHA

Os liames entre socialismo e corporativismo em quatro trajetórias

Clarice Gontarski Speranza

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Entre o socialismo e o corporativismo: trajetórias de quatro líderes do movimento operário no Brasil (1871-1963)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

Comovido pela recente morte do ex-deputado federal Maurício de Lacerda, nas últimas semanas de 1959, o professor e procurador Joaquim Pimenta escreveu um artigo no jornal *O Semanário*, do Rio de Janeiro, comparando o fim do amigo à queda de um “velho cedro” cuja derrubada “fez reboar pela floresta afora o fragor da sua queda”. E completou: “nesse fragor ressoava o eco de uma vida que passou, resistiu e sublimou-se (...)”. Décadas depois, os ecos dessas vidas complexas, diversas e tão significativas para a história social e política do Brasil retumbam novamente na obra *Entre o socialismo e o corporativismo*, de Aldrin Armstrong Silva Castellucci.

São, de fato, “ecos” de vidas que descobrimos ao longo da leitura do volume de 482 páginas (425 de texto, seguido por uma vasta lista de fontes, bibliografia e um essencial índice onomástico), lançado em fins de 2024 pela FGV Editora. Porém são “ecos” das vidas de quatro figuras-chave da mobilização operária e da luta pela regulação do trabalho no Brasil da primeira metade do século XX: além de Pimenta e Lacerda, também Antônio Evaristo de Moraes e Agripino Nazareth.

Todos eles militantes, intelectuais e bacharéis em Direito, personagens cujas trajetórias marcaram indiscutivelmente a construção e a conformação política e social do Brasil. Suas vidas percorrem um longo caminho por entre alguns dos principais momentos de mobilização política e social do Brasil no período, muitas vezes como protagonistas de mobilizações massivas ou idealizadores de transformações sociais, políticas ou legais marcantes da história do país. É através de seus passos que ampliamos a visão para os debates em torno dos caminhos políticos na República Velha e no pós-1930, em especial na relação entre o socialismo da primeira e o corporativismo do segundo.

*E-mail: clarice.speranza@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4473-9619>

Protagonistas das lutas operárias na Primeira República, Moraes, Pimenta e Nazareth decidem apoiar o governo de Getúlio Vargas no pós-1930, compondo a primeira equipe técnica do recém-criado Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Lacerda, por sua vez, teve caminho mais complexo. Atuou na Aliança Liberal e apoiou o golpe de 1930, mas a seguir rompeu com Vargas e aderiu ao PCB. Porém, mais adiante, deu outra guinada radical, tornando-se fundador da UDN. Seu filho Carlos, também ex-comunista, seria um dos grandes expoentes do novo partido conservador nas décadas pós-Estado Novo (basta lembrar a relação entre o atentado do qual foi vítima na Rua Toneleros, em 1954, e a crise que levou ao suicídio de Getúlio).

“Trajetórias de quatro líderes do movimento operário no Brasil (1871-1963)” é o subtítulo da obra, abrangendo desde o ano de nascimento do carioca Evaristo de Moraes, o mais velho dos companheiros, até a data da morte do mais longo, justamente Joaquim Pimenta, cearense de Tauá (Agripino Nazareth era natural de Salvador, e Lacerda, de Vassouras, no Rio). Mais do que um compêndio dos caminhos escolhidos pelos quatro personagens durante suas existências, entre fins do século XIX e a primeira metade do século XX, Castellucci busca através da biografia comparada compreender as grandes transformações e o intenso debate de ideias que moldaram a sociedade brasileira no período.

O autor é professor titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com atuação junto à graduação de História e ao Programa de Pós-Graduação em História da instituição. Foi coordenador nacional do GT Mundos do Trabalho da Associação Nacional de História (Anpuh), entre 2012 e 2014, e editor-chefe da Revista Mundos do Trabalho entre 2018 e 2023.

Entre o socialismo e o corporativismo estabelece, através do acompanhamento atento e detalhista das vidas e aventuras dos quatro companheiros, necessários elos de ligação entre as lutas operárias da Primeira República e a construção do corporativismo pós-1930. Ligação essa que foi habitualmente obstaculizada tanto na historiografia tradicional brasileira quanto no senso comum do país por diversos fatores. Por um lado, graças à idealização heroica das mobilizações trabalhistas da República Velha, supostamente marcada por uma impraticável autonomia total frente ao Estado. E, por outro, devido à camuflagem intencional da história produzida pelo projeto varguista, em especial a partir do Estado Novo, que investiu na ideia de ruptura e no apagamento da memória das conquistas políticas dos trabalhadores e trabalhadoras, ocorridas muito antes que os cavalos rio-grandenses fossem amarrados ao Obelisco da Avenida Rio Branco na chamada Revolução de 1930.

O livro de Castellucci dialoga e se alimenta do percurso intelectual de outros autores da história social, como Angela de Castro Gomes (1979, 2005, 2007), Joseli Mendonça (2007) e Benito Bisso Schmidt (2000, 2004), entre outros, que já haviam chamado a atenção ou para esses personagens ou para a relevância do projeto socialista na Primeira República, que, ao contrário de outras correntes políticas (em especial os sindicalistas revolucionários e os comunistas), apoiaram e, mais ainda, ajudaram a erguer mais tarde o edifício do corporativismo construído durante o Primeiro Governo Vargas. Mas Castellucci inova ao empreender uma ambiciosa biografia comparada desses quatro personagens centrais, fazendo com que o leitor seja conduzido através de escolhas ou contingências humanas pelas transformações dos projetos políticos em ebulição da República que nascia.

Não se trata aí de resgatar alguma “ilusão biográfica”, no sentido do conceito cunhado por Pierre Bourdieu, ou seja, de compreender as trajetórias humanas como dotadas de algum sentido ou lógica transcendental. O que a obra pretende, ao contrário, é mostrar as contradições e paradoxos dessas vidas, entendendo-as como integradas à história social brasileira. Assim, explica o autor em sua introdução, “a pesquisa explorou esses desencontros, reveladores das singularidades dos indivíduos, e ajudou a compreender a pluralidade e a complexidade dos projetos políticos e das trajetórias militantes, inclusive entre os reformistas” (Castellucci, 2024, p. 18).

Ao refletir sobre as continuidades e discontinuidades dos caminhos trilhados por Pimenta, Lacerda, Moraes e Nazareth, Castellucci contribui com a historiografia ao esquadriñar encontros e desencontros (tanto em termos ideológicos, mas também nos aspectos mais práticos e cotidianos das relações humanas, amizades e inimizades) entre o chamado sindicalismo corporativista do pós-1930 e os sindicalismos reformista e revolucionário, ambos nascidos na Primeira República. Não escapa ao autor, por exemplo, um momento-chave que é a participação ativa de Agripino Nazareth na Insurreição Anarquista de 1918 no Rio de Janeiro, naquilo que define como um “flerte” do socialista reformista com os libertários. Ou a greve geral de 1919, importante episódio da movimentação operária da Primeira República, cujos contornos regionais apresentam diferenças significativas, como mostra a atividade de Pimenta na mobilização em Pernambuco e de Nazareth na organização baiana.

O livro se desdobra em 12 capítulos, que perpassam desde as diversas origens sociais e formação escolar, acadêmica e política dos biografados, no final do Império, até suas mortes, nas décadas de 1950 e 1960 (com exceção de Evaristo de Moraes, que faleceu em 1939). A obra está organizada em ordem cronológica, trazendo as primeiras lutas nos anos iniciais da República, os esforços para construir partidos socialistas, a relação com os sindicatos operários, o intercâmbio com grupos e tendências internacionais, o impacto do surgimento dos comunistas nos anos 1920 e o engajamento dos personagens em mobilizações mais relevantes do período.

Destaque especial para o capítulo 10, sobre o então recém-criado MTIC nos primeiros anos do governo provisório de Vargas. É aí que conseguimos aprofundar a reflexão sobre o momento formativo do arcabouço legal corporativo que teve como um dos pilares (mas não apenas) a inserção das lutas sindicais na esfera do Estado. Castellucci aponta como os próprios escritos dos personagens, incluindo suas memórias posteriores, mascaram o quanto “o atendimento da demanda histórica da classe operária em torno da legalidade e da legitimidade dos sindicatos como representantes dos trabalhadores foi feito paralelamente ao estabelecimento de mecanismos de controle governamental sobre a organização operária” (Castellucci, 2024, p. 366), em referência à lei sindical de 1931, o famoso Decreto nº 19.770, que estabeleceu o sindicato único por categoria e a necessidade de reconhecimento da entidade pelo MTIC.

Por outro lado, a obra reforça a percepção de que a adesão de parte dos sindicalistas pré-1930 ao edifício corporativo não se deu de forma submissa. Em muitos momentos, os militantes tentaram utilizar as transformações como forma de obter sucesso em seus próprios projetos, influenciando na maneira como o Estado passou a regular a vida sindical e operária. Se alguns optaram por lutar contra a nova ordem, outros começaram a disputar os sindicatos “oficiais” por dentro, assim como o fariam mais tarde com outras instituições, como a própria Justiça do Trabalho – ver uma amostra de trabalhos recentes sobre essa instituição em Gomes e Silva (2013).

Utilizando farta documentação (como jornais, documentação sindical e empresarial, estatísticas e literatura memorialística) e bibliografia exaustiva, *Entre o socialismo e o corporativismo* investe numa tradição de valorização da pesquisa empírica da história social do trabalho, mas sem deixar de lado a reflexão teórico-metodológica, em especial sobre a escrita de biografias na história acadêmica. Ao traçar esse panorama tão extenso e detalhado das transformações da primeira metade do século XX no Brasil, a obra é desde já um trabalho de pesquisa imprescindível para compreender as escolhas e idiosincrasias tanto do projeto corporativo (e de sua singular longevidade) quanto da agência dos trabalhadores e trabalhadoras e seus líderes.

Referências

CASTELLUCCI, Aldrin Armstrong Silva. *Entre o socialismo e o corporativismo: trajetórias de quatro líderes do movimento operário no Brasil (1871-1963)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

GOMES, Angela de Castro. *Burguesia e trabalho: política e legislação social (1917-1937)*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Angela de Castro. *Ministério do Trabalho: uma história vivida e contada*. Rio de Janeiro: Cpdoc, 2007.

GOMES, Angela de Castro; SILVA, Fernando Teixeira da (org.). *A Justiça do Trabalho e sua história: os direitos dos trabalhadores no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*. Campinas: Unicamp, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antonio Guedes Coutinho (1868-1945)*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

Submetido em: 10/03/2025

Aceito em: 10/10/2025